

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA
FACULDADE DE PSICOLOGIA

Elisabeth Cândida Euzébio
Juliane Moreira Santos
Magda Rodrigues de Oliveira Fonseca
Maísa Cristina Rosa Amaral

**OS RECURSOS TERAPÊUTICOS NO PROCESSO DO LUTO INFANTIL POR
PERDA DO GENITOR PARENTAL**

DIVINÓPOLIS

2023

Elisabeth Cândida Euzébio
Juliane Moreira Santos
Magda Rodrigues de Oliveira Fonseca
Maísa Cristina Rosa Amaral

**OS RECURSOS TERAPÊUTICOS NO PROCESSO DO LUTO INFANTIL POR
PERDA DO GENITOR PARENTAL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à UNA/Divinópolis
como requisito para obtenção do
título de graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof. Mestre: Michele
Milleib de Vasconcelos

DIVINÓPOLIS

2023

Elisabeth Cândida Euzébio
Juliane Moreira Santos
Magda Rodrigues de Oliveira Fonseca
Maísa Cristina Rosa Amaral

OS RECURSOS TERAPÊUTICOS NO PROCESSO DO LUTO INFANTIL POR PERDA DO GENITOR PARENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à UNA/Divinópolis como requisito para obtenção do título de graduação em Psicologia, sob orientação da Prof. Mestre: Michele Milleib de Vasconcelos

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof. Me. Michele Milleib de Vasconcelos

Professora Hellen Carolina Ferreira Moraes

Convidado Psicólogo André Aquino

DIVINÓPOLIS

2023

RESUMO

O luto infantil é uma experiência emocional muito intensa, podendo ser um fator determinante em toda a trajetória de vida da criança. Entende-se que o processo de enlutamento é vivenciado de maneira muito subjetiva e que muitos fatores estão implicados neste processo. Os resultados apontaram para a importância de compreender e respeitar a compreensão cognitiva da criança sobre o luto, bem como as estratégias de enfrentamento de acordo com os aspectos maturativos, as causas da morte e os fatores externos relacionadas à criança, como a reação da família frente à morte do genitor e a relação da criança com aquele genitor que morreu. Desse modo, identificou-se que a família tem um aspecto importante para o fenômeno, uma vez que a forma por ela encontrada poderá auxiliar nos significados atribuídos ao luto e no suporte à ausência do familiar falecido. A partir dos resultados, conclui-se que a psicologia pode contribuir em situações do luto infantil, oferecendo um espaço de escuta e simbolização tanto com as crianças quanto com os seus familiares.

Palavras-chave: Luto, infância, morte, genitores.

Abstract

Child mourning is a very intense emotional experience and can be a determining factor throughout the child's life trajectory. It is understood that the grieving process is experienced in a very subjective way and that many factors are involved in this process. The results pointed to the importance of understanding and respecting the child's cognitive understanding of grief, as well as coping strategies according to maturational aspects, the causes of death and external factors related to the child, such as the family's reaction to the death of the parent and the child's relationship with that parent who died. It was possible to identify that the family has an important aspect for the phenomenon, since the form found can help with the meanings attributed to mourning and, also, to support the absence of the deceased family member. From the results, it is possible to conclude that psychology can contribute to situations of child mourning, offering a space for listening and symbolizing both with children and their families.

Keywords: Mourning, childhood, death, parents.

INTRODUÇÃO

Desde o início da humanidade, nas mais diversas culturas, o homem busca explicações para a morte e formas de amenizar o seu sofrimento diante do luto por meio da ciência, dos mitos, das religiões e da filosofia.

No decorrer deste processo, as crianças podem apresentar sintomas distintos durante a elaboração do luto como culpa, medo, ansiedade, irritabilidade, angústia, sentimento de abandono, dentre várias outras ocorrências. Ainda atualmente, a morte causa desconforto quando é abordada e se torna um tabu para a maioria das pessoas, principalmente quando o tema envolve crianças.

Ao tomar conhecimento da perda, é normal que a criança demonstre reações e sintomas comportamentais, emocionais, sociais e espirituais, bem como mudanças no contexto acadêmico, o que pode gerar prejuízos significativos. Assim sendo, é de imperativo que os adultos estejam atentos a essas mudanças para buscarem auxílio, principalmente como o acompanhamento psicológico especializado, com o intuito de solucionar a problemática e proteger a criança.

Este artigo foi dividido nos seguintes tópicos: como o luto é vivenciado pela criança, as repercussões do luto parental na infância e o papel dos genitores no processo de elaboração do luto na infância, sendo finalizado com as contribuições da psicologia para elaboração do luto parental na infância.

JUSTIFICATIVA

A única certeza que temos na vida é que iremos morrer, porém, esse assunto é pouco discutido entre as pessoas e precariamente compartilhado entre os adultos e as crianças, tendo em vista que a morte só faz parte do repertório infantil quando se perde algum ente próximo. Sendo assim, torna-se imprescindível que as crianças compreendam a concepção de morte em cada fase do seu desenvolvimento. Isso posto, cabe aos adultos, com acompanhamento profissional facultativo, o auxílio aos pequenos para o entendimento dos processos de elaboração do luto infantil e a discussão acerca da importância da comunicação assertiva sobre a morte. No entanto, faz-se necessário o presente estudo a fim de contribuir com a divulgação do tema que ainda é considerado um tabu pela sociedade, para ressaltar que o processo de luto vivenciado pode se tornar menos sofrido quando se fala sobre a morte com uma criança.

METODOLOGIA

Esta revisão bibliográfica se dá através da busca de publicações referentes aos estudos citados em sites específicos de artigos acadêmicos, google acadêmico, pubmed, Scielo e pesquisa de livros com o referido tema. Este trabalho se trata de uma pesquisa descritiva conforme o conceito defendido por Matar (2001) que afirma que: “[...] quando o propósito for descrever as características de grupos, estimar a proporção de elementos numa população específica que tenha determinadas características e comportamentos e para descobrir ou verificar a existência de relação entre variáveis”. Além disso, por se tratar de uma pesquisa descritiva a intenção é a de confrontar as hipóteses e correlacionar as variáveis para obter as respostas e analisá-las após a busca, coleta e estudo das informações sobre o luto infantil.

O LUTO NA INFÂNCIA

Referir-se ao luto é difícil em todas as etapas da vida, mas quando se fala do luto na infância, torna-se mais complicado. Isso acontece pelo fato de a criança ainda não ter uma compreensão do que é a finitude da vida humana e pela forma de como a notícia é dada. Nesse sentido, muitos adultos não estão preparados para esse momento e acreditam que evitar esse assunto é o melhor a ser feito. Contudo, inúmeros autores descartam essa possibilidade e afirmam que contar a verdade para a criança que anseia por respostas é sempre a melhor opção.

Toda pessoa que passa por um luto vivencia alguns estágios específicos, porém, quando se refere ao luto, deve-se levar em consideração a subjetividade de cada indivíduo. No caso das crianças, observa-se que elas podem apresentar sintomas distintos no processo de elaboração do luto, como a culpa, o medo, a ansiedade, a irritabilidade, a angústia, o sentimento de abandono, dentre várias outras ocorrências.

Assim sendo, lidar com o luto é sempre uma provocação para as pessoas que passam por esse processo e, quando se trata de crianças que vivenciam tal experiência, pode ser ainda mais complexo. É notório que o momento do luto por si só já é um estado de desorganização psíquica para um adulto e, quando se trata de uma criança, pode ser mais desorganizador, já que os envolvidos se encontram ainda em um processo de desenvolvimento psíquico e emocional.

Evidentemente, o luto pela perda de uma pessoa amada é a experiência mais universal e, ao mesmo tempo, mais desorganizadora e assustadora que vive o ser humano. O sentido dado à vida é repensado, as relações são refeitas a partir de uma avaliação de seu significado, a identidade pessoal se transforma. Nada mais é como costumava ser e, ainda assim, há vida no luto, há esperança de transformação e de recomeço. Isso acontece, porque, além de existir um tempo de chegar e um tempo de partir, também se sabe que a vida é feita de pequenos e grandes lutos, através dos quais o ser humano se dá conta de sua condição de ser mortal. FRANCO et al. (2007).

Constata-se que para Freitas e Michel (2014) “o luto é a extinção de uma relação”, o que sugere que parte do mundo do enlutado se esvai obtendo novas formas de existir. “Com a supressão do outro, há uma perda de sentido do mundo da vida com exigência de nova significação. A vivência do luto impõe, por conseguinte, novas formas de ser no mundo” (FREITAS; MICHEL, 2014, p. 274).

Deve-se destacar, ainda, que as crianças não compreendem que a morte representa uma condição permanente, mesmo tendo desenvolvida a capacidade para diferenciar seres animados e inanimados, elas não são totalmente capazes de dar explicações lógico categoriais da causalidade da finitude da vida.

Em função da sua maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda, a elaboração do luto vivido pela criança é processada ao longo da estruturação psíquica em distintos momentos de sua vida, à medida que ela consegue dar significado ao que viveu. Além disso, o luto pode ser reativado durante a vida ao encontrar ressonância com conflitos do futuro desenvolvimento. Isso não compreenderia patologia, um luto adiado, mas sim sua elaboração, já que nenhum trauma na infância pode ser resolvido até que a criança cresça (Sekaer, 1987; Scalozub, 1998; Worden, 1998).

Com isso, a criança não consegue reconhecer seus afetos como algo separado dela e, no caso da perda de um ente querido, ela sente que perdeu uma parte de si própria, mas não consegue sentir pesar e enlutar-se pelo sujeito amado perdido.

Assim sendo, apesar da criança também organizar o luto, ela possui um modelo adequado de elaboração, sendo errado obrigar-lhe a seguir o modelo do luto do adulto. O luto infantil não é uma versão reduzida do luto do adulto, tendo em vista as suas propriedades exclusivas – analisadas no presente estudo –, já que a criança ainda está estruturando a sua personalidade.

REPERCUSSÕES DO LUTO PARENTAL NA INFÂNCIA

A criança possui uma capacidade ímpar de observação acerca do que ocorre em sua volta. Dessa forma, a perda de um ente querido é percebida como abandono e o luto se encaixa como resposta desse problema.

Segundo Bromberg (2000, p. 43),

para a criança é muito difícil elaborar a perda de um objeto amado, especialmente aquele do qual depende, pois, seu psiquismo ainda está em fase de construção, e ela necessita das pessoas que garantam sua sobrevivência física e desenvolvimento emocional.

Kovács (2013) afirma que “a criança apresenta uma forte capacidade para observar e quando o adulto de alguma forma, tenta evitar falar sobre a morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas”. O adulto acredita que omitir a morte da criança auxiliará de forma positiva, com a ideia equivocada de proteção e afastamento da dor – atitude que deixará a criança confusa e desamparada.

Para Kovács (2013), “toda criança é dependente de um adulto, alguém para lhes dar todo o suporte necessário de sobrevivência e crescimento”. Além disso, a criança irá adquirir um apego emocional, cultivando sentimentos do qual irá proporcionar um afeto considerável. No caso da morte de um dos genitores, a criança não terá a mesma capacidade de elaborar o luto que uma pessoa adulta é capaz.

De acordo com Kovács (2013. 54),

falar com a criança sobre a morte de forma clara e natural permite a ela lidar com os medos que podem surgir pelo desconhecido, tendo a possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos.

Desse modo, a perda de um ente querido é notada pela criança como desamparo e abandono. Dentre as implicações mais intensas e perturbadoras provocadas pela perda deste ente, encontra-se o medo de ser abandonada, a saudade da pessoa que morreu e até a raiva pelo fato de não poder encontrá-la novamente. Dessa forma, entende-se que nenhuma criança deve ser iludida sobre a verdade da realidade quando ocorre um luto. Também é válido que não

se tente alterar os fatos com a finalidade de evitar o seu sofrimento, porque a qualquer momento ela precisará enfrentar a morte.

Para a criança, o luto é a quebra de uma relação com quem ela construiu uma conexão. A falta desta pessoa evidencia uma desorganização do sujeito, um sentimento de impotência que afeta a realização de atividades cotidianas.

Sendo assim, deve-se trabalhar o que esta falta representa na vida da criança que vivencia o processo do luto e a forma como a finitude da vida foi repassada para ela. Então, ao se trabalhar a representação desta falta na vida da criança, deve-se levar em conta o papel dos genitores no processo de elaboração do luto.

O PAPEL DOS GENITORES NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO

Quanto mais sincera a família for em relação às informações sobre a morte do objeto amado para a criança, como por exemplo, dizer que a pessoa que morreu não voltará mais, melhor para a vivência do processo de luto. A forma como a criança vivenciará o luto e a concepção interna da morte, mudará conforme a idade, a personalidade, o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento social e a cultura na qual convive.

Por meio da teoria bowlbyana (a teoria do apego), identifica-se que, dentro de um modelo de apego seguro, a criança tem confiança que se necessitar de auxílio das suas figuras de apego, receberá, otimizando os recursos que são disponibilizados e encontrados através das circunstâncias e do outro. A base segura na criança constrói fatores resilientes internos, que a auxilia a passar pelo luto de forma mais segura e mais saudável, pois tem segurança para externalizar a sua dor e sofrimento (Bowlby, 1989).

A morte é um acontecimento que fatalmente traz dor e sofrimento a qualquer indivíduo, mas quando uma criança vivencia esta experiência existem fatores que a ajudam a encarar este momento de maneira mais saudável. Para que o processo de luto da criança aconteça de forma menos traumática, é necessário que ela vivencie o ritual de despedida do ente querido.

A criança precisa ter a supervisão de alguém de confiança todo o tempo, não só durante o ritual fúnebre, mas também ao longo do seu processo de desenvolvimento, uma vez que a garantia da continuidade destas relações contribuirá com o enfrentamento da dor da perda de uma maneira mais segura. Ao contrário do que normalmente acontece, a comunicação com a criança sobre a morte do ente querido precisa ser aberta e direta. A criança precisa ter acesso a uma conversa segura, confiável e transparente, em que a criança possa expressar o seu sentimento e a sua emoção.

Além disso, é importante inserir a criança nas notícias do estado de saúde de sua figura de apego, pois muitas vezes as mortes não acontecem repentinamente, havendo a possibilidade de previsibilidade, o que poderá auxiliar a criança na preparação para a perda (Parkes, 1998).

Quando se esconde a morte da criança, ela sente que está acontecendo algo errado, percebe por meio dos cochichos, do clima de tristeza do ambiente que existe um segredo que não lhe foi revelado. Este comportamento pode conturbar o período inicial da elaboração do luto da criança e fazer com que ela pense que o ente querido está dormindo, viajando e ainda criar expectativas de um retorno, deixando a criança frustrada e confusa, podendo intervir seriamente no seu processo de enlutamento.

Com isso, é importante que a família abra espaço para a criança viver o processo do luto. Muitas vezes, o adulto tem dificuldade de lidar com esta experiência dentro de si e, conseqüentemente, apresenta dificuldades de lidar com a dor da criança, não tocando no assunto e até evitando-o. Ao fazer isso, a criança fica susceptível a um processo de luto inibido, revisitando-o comumente em uma fase posterior (Hahn, 2005).

A dinâmica familiar anterior não existe mais, sendo necessário que haja um processo de reorganização e reestruturação, bem como incluir a criança neste processo de luto, faz com que elas se sintam parte do compartilhar da experiência familiar (Franco & Mazorra, 2007).

Manter a presença da pessoa perdida dentro de si, mesmo depois da sua ausência, é o que lhe garante a passagem pelo processo de enlutamento. Por isso é importante que as lembranças acerca do ente querido sejam sempre mantidas, com ajuda dos genitores sobreviventes, permitindo assim que a criança vá introjetando esta imagem e presença. É a passagem por este processo que faz com que ela esteja aberta para novas relações, como aponta Kovács (em Sergik & Ramos, 2013).

Entretanto, quanto melhor a qualidade da relação entre o ente que partiu e a criança enlutada, melhor será o processo de luto, haja vista os registros saudáveis e de confiança dessa relação. Deve-se levar em conta, também, os dias anteriores à perda e como a relação estava acontecendo, uma vez que brigas ou discussões em dias ou horas antes da morte, podem ocasionar um sentimento de culpa no enlutado, vindo a interferir potencialmente no experimento do luto. Logo, ninguém melhor do que um profissional qualificado para auxiliar a criança no momento de luto. Diante disto, fazem de extrema importância as contribuições da Psicologia para a elaboração do luto parental na infância.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DO LUTO PARENTAL NA INFÂNCIA

A TERAPIA DO LUTO

Willian Worden é especialista quando se discute a terapia do luto, e, diferente dos outros estudiosos do tema que defendem etapas do luto, esse autor sugere que o processo do luto passa por 4 tarefas.

Segundo o especialista supracitado, a pessoa é única responsável em passar por todas as tarefas do processo do luto e defende que os efeitos do luto provenientes da passagem do tempo são irrelevantes.

No site “A mente é maravilhosa” são relatadas as tarefas do luto sugeridas por Willian Worden:

1. Aceitar a realidade da perda: é preciso encarar a morte da pessoa que faleceu e perceber que não a encontrará novamente nesta vida.
2. Elaboração do luto após a perda: toda dor física, emocional e comportamental é real e deve ser vivida, cada pessoa sente a dor com uma intensidade diferente, porém se esta dor não for vivida, ela aparecerá de outra forma.
3. Adaptação ao ambiente sem a pessoa amada: esta tarefa abrange tarefas externas (assumir compromissos da pessoa falecida) e internas (crenças espirituais e valores após a perda).
4. Encontrar uma conexão com o falecido e continuar vivendo: encontrar algo que lembre o falecido como forma de estabelecer um novo comportamento adaptado ao ambiente sem a pessoa que morreu.

Para Worden, a partir do luto a pessoa deverá passar por uma adaptação da vida anterior e, por ter que mudar a rotina, pode passar por dificuldades para se vincular com a nova realidade. A dificuldade é encontrada quando estas modificações se tornam recorrentes e não admitem que a pessoa se desenvolva naturalmente, levando-a a distúrbios psicológicos.

Quando ocorre o luto infantil, a Psicologia pode colaborar ofertando um espaço de escuta e simbolismo tanto para as crianças como para os seus familiares. Como dito anteriormente, o luto infantil é vivenciado de forma diferente do luto de um adulto. Sendo assim, o psicólogo que atender uma criança enlutada pode e deve fazer uso de recursos específicos para crianças, a exemplo da biblioterapia como recurso terapêutico.

A LEITURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO

A criança no seu universo infantil não é apenas sonho e alegria. O medo de perdas, do escuro, de coisas, bicho, pessoas que se ausentam – será que vão voltar? – fazem parte do imaginário do infante. A vida não é feita só de coisas boas e as crianças percebem isso.

As crianças aprendem com mais facilidade e conhecem a realidade por meio do lúdico e do emotivo, sendo o pensamento mágico a ênfase do mundo infantil. Assim, a leitura pode ter uma função humanizadora, pois ela é importante agente de transmissão de valores. Nessa perspectiva, o livro emociona, dá prazer, diverte e modifica a consciência de mundo do leitor. É um instrumento com intenção educativa e, portanto, pedagógica.

Na literatura infantil, o fenômeno da comunicação se dá entre o escritor e o leitor-criança, transformando o ato de ler em aprendizagem. Nesse contexto, a criança escolhe o livro não pelo conteúdo, que quase sempre não conhece, mas pela aparência, cores, formato, desenhos e letras.

Algumas escolas já priorizam a hora do conto como um momento de descontração e de encontro ao imaginário. Porém, não é comum encontrar “na hora do conto” histórias relacionadas à morte, talvez porque esse momento esteja relacionado a um contexto agradável e descontraído, não havendo espaço para o luto.

Paiva (2011), no seu livro “A arte de falar da morte para crianças”, relata a importância de se ter livros infantis que tratam do tema morte nas bibliotecas das escolas e um preparo dos profissionais da educação ao abordarem o tema com os alunos.

Sabe-se que bibliotecas e livros existem desde a Antiguidade. Registros mostram que histórias eram contadas às crianças, adolescentes e jovens como uma forma de ocupar o tempo ocioso. Além do mais, a leitura também era utilizada em prisões, hospitais e manicômios devido à sua função terapêutica e informativa.

A recomendação da leitura como apoio psicoterápico a pessoas com conflitos internos, depressão, medo e fobias já era indicada a partir de 1800, mas, foi no século XX em meados de 1930, que a biblioterapia começou a ser pesquisada e valorizada como ciência, ganhando status profissional no campo

clínico e educacional, passando a ser considerada um ramo da biblioteconomia (Paiva, 2011).

A palavra biblioterapia tem sua origem no grego: Biblion: todo tipo de material bibliográfico ou de leitura; Therapien: tratamento, cura ou restabelecimento. O Dicionário online define o termo Biblioterapia como [Medicina] emprego de leituras selecionadas como adjuvantes terapêuticos no tratamento de desordens nervosas, ou seja, a leitura selecionada com o objetivo de mostrar ao leitor que existem mais de uma forma de solução para seu problema, auxiliando-o a entender suas emoções em paralelo com as emoções dos outros e convidar o leitor a encarar seus problemas de forma realista dentre outros aspectos (Caldin, 2001).

Paiva, (2011) citando Ferreira, (2003); Heath et al., (2005), esclarece que a biblioterapia abrange quatro estágios:

O primeiro estágio é o envolvimento com a trama e/ou com o personagem da história, promovendo a identificação (segundo estágio). Ao identificar-se, o leitor/ouvinte pode reconhecer e vivenciar de forma vicária seus sentimentos característicos. Os problemas resolvidos com sucesso farão com que o indivíduo realize uma tensão emocional associada a seus próprios problemas, atingindo a catarse (terceiro estágio). O quarto estágio é o insight, que leva o leitor/ouvinte a aplicar o que aconteceu na história a sua vida pessoal. A semelhança do problema leva à aproximação, ao torná-lo acessível, atingindo o estágio final do processo, a universalidade, quando se podem compreender outros problemas similares Paiva, (2011).

A biblioterapia no espaço escolar, pode ajudar a criança elaborar situações complicadas e desafiadoras como o bullying, dificuldades de fazer amigos, rivalidade entre irmãos, divórcio, conflitos conjugais, abusos, negligência, dificuldades financeiras e a morte de entes queridos ou animais de estimação.

Quando o estudante enfrenta qualquer situação complicada que gera dificuldades emocionais, esses sentimentos interferem na qualidade da concentração e o desempenho do aluno na participação escolar.

Paiva (2011) cita que o professor pode utilizar histórias para auxiliar os estudantes de três maneiras diferentes:

1. Abordagem em grupo: para abordar o bullying, dificuldades de fazer amizades, aperfeiçoar as habilidades sociais e apreciar diversidades multiculturais.
2. Abordagem individual: em casos de abuso sexual, estresse pós-traumático, ideação suicida.
3. Apoio: em situação de crise como morte, separação, conflitos entre amigos e crianças.

Embora a biblioterapia ser considerada um recurso milenar, essa técnica para trabalhar com crianças enlutadas remonta os anos de 1960 e 1970, ou seja, é considerado recente.

Surgiu-se nos Estados Unidos, nas décadas de 60 e 70, com a valorização da liberdade de sentimentos e atribuída de novos valores, passando assim, a dar mais valor aos adolescentes e crianças. É nessa época que começam a surgir livros infantis que tratam dos temas relacionados à morte e ao luto em crianças. Desde então, as pessoas começaram a tentar descrever seus próprios sentimentos e sofrimentos ao escreverem histórias para adultos e crianças, trazendo assim, uma grande importância para a biblioterapia.

A biblioterapia é um recurso terapêutico valioso para o psicólogo, considerando que toda criança gosta de ouvir e de contar história, mas além da terapia da leitura, existe outro recurso precioso na escuta: a ludoterapia, pois mais do que ouvir histórias, toda criança gosta de brincar.

A LUDOTERAPIA COMO RECURSO TERAPÊUTICO

A Ludoterapia é a psicoterapia indicada para crianças e tem como finalidade proporcionar ao paciente a habilidade de resolução dos seus problemas de forma saudável, permitindo que a criança seja ela mesma, sem que se sinta pressionada a mudar ou agir diferente. Nesse viés, existe uma consideração e elucidação das atitudes expressas a partir da reflexão sobre o que é apresentado pela criança. Dessa maneira, através das perspectivas adultas, os psicólogos registraram uma dificuldade na elaboração de diagnóstico infantil.

Nessa linha de pensamento, identifica-se que o pequeno indivíduo, principalmente o que não usufrui de uma linguagem desenvolvida, transmite seu mundo interno e as suas influências familiares (ambientais) por meio do brincar em forma de repetições do seu cotidiano. “A ludoterapia passou a ser o meio pelo qual as relações ruins da criança seriam recriadas, “consertadas”. Após os dezoito meses de idade, a criança vai aprender a simbolizar suas vivências, concomitantemente com a aquisição da linguagem, adequando conhecimentos de relações causa e efeito, distinção entre o animado e o inanimado, noção de tempo e duração das coisas, passado, presente e futuro, etc. Através dos jogos e brincadeiras infantis, a criança poderia simbolizar seus problemas, resolvendo-os em um outro contexto.” (MRECH, 2001, p.7).

Portanto, o uso da ludoterapia não apenas permite o diagnóstico do processo de luto da criança, mas também beneficia um possível tratamento psicoterápico. Nesse sentido, por meio das atividades lúdicas esse indivíduo que se encontra na infância é capaz de associar valores, adquirir comportamentos, desenvolver diversas áreas de conhecimento, exercitar-se fisicamente e aprimorar suas habilidades motoras.

A brincadeira é universal e é própria da saúde, o brincar promove o crescimento e, assim, a saúde, conduzindo aos relacionamentos grupais e sendo uma forma de comunicação na psicoterapia (WINNICOTT, 1975).

Conforme Axline (1984, p. 22), a “[...] ludoterapia é baseada no fato de que o jogo é o meio natural de auto expressão da criança. É uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brinquedo.”

Almeida (2003, p. 37-38) afirma: “O brinquedo faz parte da vida da criança, simboliza a relação pensamento-ação e torna possível o uso da fala, do pensamento e da imaginação. O mundo do brinquedo é um mundo composto, que representa o apego, a imitação, a representação e faz parte da vontade de crescer e desenvolver-se.”

Observa-se, portanto, que o brincar é capaz de contribuir com a superação de adversidades e, além disso, também pode ser um recurso adequado de fortalecimento de relações e de estreitamento do contato humano entre o profissional da saúde e o paciente.

Para a criança, o brincar promove o desenvolvimento físico, psicológico, moral e social; libera medos, frustrações, raiva e ansiedade. Assim, a ludoterapia é capaz de revelar pensamentos e sentimentos que promovem satisfação, espontaneidade e diversão. Entretanto, é imprescindível que se faça uso de um espaço adequado e aconchegante, capaz de proporcionar ao paciente conforto e segurança quanto à manifestação de seus conteúdos.

A criança chega ao atendimento trazendo as representações de seu cotidiano para se comunicar, diante disso, “[...] a ludoterapia criou condições para aproveitar os momentos importantes deste jogo cotidiano infantil. A suposição é de que a criança se empenha em jogar para fora seus problemas se lhe for dada esta oportunidade.” (GRUNSPUN, 1997, p. 17).

De acordo com Axline (1984, p. 28):

A sala de ludoterapia é um bom lugar de crescimento. Na segurança dessa sala, onde a “criança” é a pessoa mais importante, onde ela está no comando da situação e de si mesma, onde ninguém lhe diz o que deve fazer, ninguém critica o que faz, ninguém importuna, faz sugestões, estimula-a ou intromete-se em seu mundo particular, subitamente ela sente que pode abrir suas asas, pode olhar diretamente para dentro de si mesma, pois é aceita completamente. Axline (1984, p. 28).

Outrossim, faz-se necessário destacar que a Ludoterapia é uma excelente ferramenta terapêutica em casos de crianças que perderam algum membro da parentela, pois a pessoa enlutada sofre com implicações psíquicas em consequência do luto familiar, que pode se tornar mais marcante quando a perda é de um membro da família nuclear.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, portanto, que o objetivo deste artigo foi debater o luto infantil e a participação da psicologia na sua elaboração. Inicialmente, foi fundamental conceitualizar o luto para que o propósito fosse alcançado. Em seguida, abordou-se a temática do luto infantil, a fim de posteriormente expor os recursos terapêuticos utilizados pelo psicólogo na elaboração dessa problemática.

Ademais, o estudo em questão evidenciou a vivência inevitável da dor pela perda de um ente querido. Sendo assim, faz-se de importância, de forma que as próximas gerações se desenvolvam com capacidade psicológica aprimorada para encararem o delicado momento e conseguirem deixá-lo ir, que as pessoas evitem ignorar esse evento e silenciarem-se sobre o assunto.

Ainda assim, algumas pessoas insistem em credibilizar que a morte é incompreensível para uma criança, haja vista a leiga compreensão do significado de morte e de luto. Todavia, por meio deste estudo, tornou-se palpável a imprescindibilidade do diálogo com o enlutado, independentemente da sua idade, em relação à morte. Dessa forma, a situação torna-se lidável, já que se fez possível a obtenção de um entendimento verdadeiro acerca da definição do acontecido.

Salienta-se, ainda, que o sentimento de um momento complexo entrelaçado na experiência do luto encontra-se acima das capacidades e dos recursos internos de uma parcela de indivíduos. Diante disso, nesses casos, o trabalho do psicólogo mostra-se com vital valor àquele que sofre, principalmente quando se trata de crianças.

Para tanto, pais, educadores e psicólogos devem ter ciência de que a privação das crianças aos esclarecimentos acerca do fato ocorrido impede a elaboração interna dos sentimentos que são vivenciados após o desfecho de um vínculo afetivo. Concomitantemente a isso, a não elaboração do luto é capaz de fomentar consequências graves ao desenvolvimento saudável da criança.

Em suma, o vigente estudo dispôs do propósito de contribuir com uma produção de conhecimento a respeito da temática do luto infantil. No entanto,

fez-se o conteúdo como forma de apresentar uma discussão que integra os elementos psicológicos aos sociais contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica. Técnicas e jogos pedagógicos. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRADE, M.L.; MISHIMA-GOMES, F.K.T.; BARBIERI, V. Children's Grief and Creativity: The Experience of Losing a Sibling. Psico-USF, v. 23, n. 1, p. 25-36, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-827120180001000025&script=sci_abstract . Acesso em 4 de julho 2023.

AXLINE, Virgínia Mae. Ludoterapia: dinâmica interior da criança. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.

Bromberg, M. H. P. F., (2000). A psicoterapia em situação de perdas e luto. Campinas: Livro Pleno.

Bowlby, J. (1989). Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

CALDIN, C.F (2001, dezembro) A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. De Encontros Bibli-Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. 12. Florianópolis, UFSC. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>>. Acesso em setembro de 2023.

Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/tarefas-do-luto-william-worden/> acesso em 10 de outubro de 2023.

FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. Psicologia em Estudo, v. 19, n. 2, p. 273-283, 2014.

FRANCO, M.H.P e MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. Estudos de psicologia. (Campinas) [online]. 2007,

vol. 24, n. 4, pp. 503-511. Disponível em: <http://www.scielo.br/scie/lo.php?pid=S0103166X2007000400009&script=sciabstract&tlng=pt>. Acesso em 4 de julho 2023.

GRUNSPUN, Haim. Psicoterapia Lúdica de Grupo com Crianças. São Paulo: Atheneu, 1997

Hahn, R. A. (2005). A morte do pai na infância: repercussões na vida adulta. In L. Mazorra & V. Tinoco (Orgs.), Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos. Campinas, SP: Editora Livro Pleno.

Kovács, M. J., (2013). Morte e Desenvolvimento Humano (5a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACHADO, A. Como lidam as crianças com a morte/luto. Revista nº 67 sinais vitais, Julho, pp. 45 -50. 2006.

MRECH, L. M. Além do sentido e do significado: A concepção psicanalítica da criança e do brincar. Psicanálise e Educação - Novos Operadores de Leitura. Ed. Pioneira. Jan – 2001. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=9:psicanalise&id=153:alem-do-sentido-e-do-significado-a-concepcao-psicanalitica-da-crianca-e-do-brincar
Acesso em: 17 de setembro de 2023.

PAIVA, L. E. A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

PARKES, C. M. (1998). Luto: estudos sobre a perda na vida adulta (M. H. P. Franco, Trad.). Perdizes, SP: Summus Editorial.

RIBEIRO, Paula Simon. Jogos e brinquedos tradicionais. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Rodrigues, A. C., Polizeli, C., Mazzer, F. D. D. S., Suttini, I. F., Santos, K. R. D., & Boaventura, L. A. (2013). Comunicando notícias difíceis: um estudo de caso. *Anais Eletrônico*, 22.

Sekaer, C. (1987). Towards a definition of “childhood mourning”. *American Journal of Psychotherapy*, 41 (2), 201-219.

Sengik, A. S., & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 379-387.

Torres, W., (2002). *A criança diante da morte*. Editora: Casa do Psicólogo.

WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar & a Realidade*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Vane de Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.